

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
23 de Março de 2023
A CINEMATECA COM A MONSTRA

STARE POVESTI CESKE / 1953 “Velhas Lendas Checas”

Um filme de Jirí Trnka

Argumento: Milos Václav Kratochvíl, Jirí Brdecka e Jirí Trnka, baseado no livro “Lendas da Antiga Boémia” de Aloís Jirásek, que colige antigas lendas checas / *Animação:* Frantisek Braun, Zdenek Hrabé, Jan Karpas, Josef Kluge, Stanislav Látal, Bretislav Pojar, Bohuslav Sránek / *Fotografia (35 mm, cor):* Emanuel Franek, Ludvík Hájek / *Música:* Václav Trojan / *Montagem:* Helena Lebdusková / *Som:* Emanuel Formánek, Emil Poledník, Josef Zavadil / *Conselheiro histórico:* Rudolf Turek / *Vozes:* Zdenek Stepánek, Eduard Kohout, Karel Höger, Ruzena Nasková, Václav Vydra

Produção: Československý Státní Film (Studio Loutkovénko) / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 84 minutos / *Estreia mundial:* 11 de Setembro de 1953 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 26 de Junho de 2013, no âmbito do ciclo “Centenário de Jirí Trnka”.

Num artigo de 1952 nos *Cahiers du Cinéma* sobre “**O Príncipe Bayaya**”, Chris Marker define o cinema de Jirí Trnka como “*uma forma quase esquecida de ornamento (...), um ornamento que neste caso não é uma forma inferior da arte (...), mas aquilo que é na Idade Média e nas culturas primitivas, um valor de civilização, uma homenagem contínua à criação e à história*”.

A observação é muito pertinente. Note-se que Marker não disse que este cinema era *ornamental*, falou em *ornamento*, algo que se acrescenta a uma estrutura existente, como as estátuas no portal de uma igreja gótica. Nesta ótica, a arte de Trnka se insere no corpo de toda uma cultura, da qual é um fragmento. Carlos Fernández Cuenca, num interessante opúsculo sobre Trnka publicado pela Filmoteca Nacional de Espanha em 1965, não diz outra coisa, embora por outras palavras, ao referir-se à sua primeira longa-metragem, o filme em episódios **Spalicek** (“**O Ano Checo**”, 1947): “*Não são seus os personagens da fábula, antes de invenção mais ou menos original e poética, são seres reais, tirados do povo; seres que mantêm vivo, através do tempo, um modo de sentir e comportar-se*”. Por sinal, Trnka nunca se considerou um cineasta. Numa entrevista ao semanário parisiense *Arts*, por ocasião de uma exposição dos seus desenhos no prestigioso Museu das Artes Decorativas em Paris, em 1957, declarou: “*Não me considero um cineasta, mas um criador plástico, que procura, através do filme, dar movimento às suas ilustrações e às suas pinturas*”. Marie Benesová, uma das mais conhecidas exegetas da sua obra, precisa: “*Trnka posiciona-se como um homem de teatro diante das suas marionetas. Para ele, a marioneta é a encarnação do cómico, do trágico e do poético. Ele dominou rapidamente a linguagem cinematográfica (elipse, montagem por associação, som), o que lhe permitiu atingir um vasto leque de entonações e emoções, em função dos diferentes géneros. É um poeta, emocionalmente ligado a tradições centenárias*”. E também é um artesão - como um sineiro, um carpinteiro, um pedreiro - que trabalha à mão, que não quer que a técnica suplante a imaginação e cujo trabalho não tem soluções padronizadas, como poderá verificar qualquer espectador. Jaroslav Broz afirma (*Cahiers du Cinéma* nº 13, Junho de 1952) que Trnka estudou atentamente os filmes de Disney, “*tentando descobrir a razão do que considerava chão e banal no «gosto americano»*” e chegou à conclusão que isto se devia à primazia excessiva da técnica. De facto, Trnka era de

opinião que *“a técnica não deve ser um objetivo em si, o que é particularmente importante no caso de filmes com marionetas que se baseiam em trucagens, isto é na técnica”*. As suas marionetas nunca abrem a boca, nem têm expressões faciais, mas conseguem transmitir sentimentos diversos, através de vibrações quase musicais - e como o filme desta sessão bem demonstra, a música pode ter um papel fundamental neste cinema.

“Velhas Lendas Checas” foi uma espécie de encomenda oficial, pois Trnka queria filmar **Dom Quixote**, mas foi “desaconselhado” a fazê-lo e a escolher uma história mais nacional. Estava-se ainda no período verdadeiramente estalinista do recentíssimo regime comunista checo, que começaria a “descongelar” a partir da segunda metade dos anos 50. Um filme sobre as lendas referentes ao nascimento da nação checa tinha uma inegável conotação de propaganda patriótica no momento em que o país “renascia” sob o novo regime (não há regime totalitário neste mundo que não queira confundir-se com “a pátria”). Mas estas lendas antigas escapam por completo ao tom pomposo e realista socialista que teriam tido se tivessem sido filmadas com atores (note-se que segundo o ilustre escritor Josef Svorecky, a *“curiosa aberração estética chamada realismo socialista teve uma existência muito breve na Checoslováquia”*). No filme de Trnka estamos na pura lenda, numa representação popular de velhos mitos aqui-conhecidos do país, mitos de fundação, coragem e fidelidade. Visivelmente, Trnka acabou por se interessar pelo tema que lhe foi imposto e trabalhou com enorme afinco, como era seu hábito (dizia que só ao cabo de quatro horas de trabalho é que ficava em forma para trabalhar e outras três horas depois começava a trabalhar bem). À medida que **“Velhas Lendas Checas”** progride, passamos dos personagens individuais a um personagem coletivo, que é o próprio povo checo. Por isso, Trnka dá a muitas passagens, sobretudo ao episódio final da grande batalha, um tom de oratória, que faz irresistivelmente pensar em **Alexandre Nevsky**, do qual ele e o compositor Václav Trojan muito provavelmente se lembraram. Em vez de ser dirigido de cima para baixo - dos dirigentes políticos à população - **“Velhas Lendas Checas”** parece seguir a direção inversa: é como se um homem do povo contasse a história do seu povo, reatando com tradições orais que escapam a qualquer poder político. Isto é corroborado pelo que o seu fiel colaborador Stanislav Látal observou depois da morte de Trnka: *“A ternura das princesinhas, a sabedoria dos bobos do rei, o horror e ao mesmo tempo a monumentalidade das **“Velhas Lendas”**, tudo isso era uma parte dele mesmo.”*

Antonio Rodrigues